

VIVENCIANDO O SOM E O SILÊNCIO: UMA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Experiencing sound and silence: an experience in the context of basic education

Maria Eduarda da Silva

Licencianda em Música – Ênfase Violino - Universidade Federal de São João del-Rei

Departamento de Música/UFSJ

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2470-6713>

mariaesilva490@mail.com

Liliana Pereira Botelho

Doutora em Educação Musical/Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8497-337X>

lilibot@ufsj.edu.br

Artigo recebido em junho/2024 e aceito em julho/2024

RESUMO

Este trabalho relata uma atividade de musicalização realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental na aula de Arte. Elementos musicais como o som e o silêncio foram abordados nesta atividade de intervenção realizada no ano de 2023 e que teve como referenciais os conceitos de ecologia acústica e paisagem sonora do pedagogo musical Murray Schafer (1933-2021). A metodologia utilizada foi uma aula expositiva dialogada que teve como resultado o despertar para uma escuta atenta, uma habilidade fundamental para o estudo da música e para a percepção do mundo no qual estamos inseridos.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Educação Básica; Musicalização; Murray Schafer; Paisagem Sonora.

ABSTRACT

This paper reports on a musicalization activity carried out with 6th grade students in Art class. Musical elements such as sound and silence were addressed in this intervention activity carried out in 2023, based on the concepts of acoustic ecology and soundscape by music educator Murray Schafer (1933-2021). The methodology used was a dialogued expository class that resulted in an awakening to attentive listening, a fundamental skill for studying music and perceiving the world in which we live.

Keywords: Pedagogical Residency; Basic education; Musicalization; Murray Schafer; Soundscape.

1. INTRODUÇÃO

A escolha desta intervenção para o relato foi por acreditar que a reflexão sobre como percebemos os sons, os ruídos e silêncios fabricados é fundamental a todo (a) docente de música. E esta questão deve estar presente no contexto da Educação Básica, uma vez que faz parte do

cotidiano da escola e se conecta a diversas áreas do conhecimento. O som do sino, que marca a passagem do tempo, o apito na aula de educação física, passando pelas risadas, gritos, conversas, jogos, fones de ouvido (no caso das escolas que permitem o uso de *smartphones* nos intervalos), tudo pode ser inserido na paisagem sonora de determinado contexto.

O termo paisagem sonora, criado por Murray Schafer (1991) a partir de seus estudos sônicos (controle de ruídos, acústica, psicoacústica), pode ser definido como uma maneira de compreender como as relações humanas ocorrem, levando em consideração os sons vivenciados nos contextos em que se inserem. Assim, para o autor, a paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico, como, por exemplo, uma composição musical ou um programa de rádio. Ela consiste em eventos ouvidos, e não em objetos vistos, possibilitando ressaltar a importância da constituição sonora dos espaços (SILVA, 2022).

A paisagem sonora é o resultado da soma de todos os sons de determinado espaço. O termo é uma tradução da expressão *sound scape*, criada por Murray Schafer na década de 1960, quando iniciou os estudos do som no meio ambiente e tem sido adotado nos países de língua latina. Como os espaços diferem entre si, cada paisagem sonora é singular e soa de modo peculiar. Ela é dinâmica e está em constante mutação, devido a uma série de fatores: estações do ano, hora do dia ou da noite, clima, presença ou ausência de máquinas, eletrodomésticos, pessoas, animais, vento, chuva..., exemplos que podem se suceder ao infinito (FONTERRADA, 2022, p.17).

Mobilizar a atenção para esses sons é uma maneira de auxiliar os estudantes a “abrir” os ouvidos para o mundo da música, que exige uma escuta atenta, detida, criativa e empenhada. Além disso, é um caminho para se pensar como escutamos e percebemos os sons no espaço urbano, tomado por problemas ambientais e de saúde pública, como, por exemplo, a poluição sonora.

Parece-me absolutamente essencial que comecemos a ouvir mais cuidadosa e criticamente a nova paisagem sonora do mundo moderno. Somente através da audição seremos capazes de solucionar o problema da poluição sonora. Clariaudiência nas escolas para eliminar a audiometria nas fábricas. Limpeza dos ouvidos, em vez de entorpecimento dos ouvidos (SCHAFFER, 1991, p.13).

Nesse sentido, a realização da atividade de musicalização foi fundamental para iniciar as reflexões e construir juntos alguns conceitos juntamente com os alunos. Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005) em suas proposições pedagógicas já havia destacado a relevância das perguntas e da criatividade - imprescindíveis ao que chamou de escola moderna - para o ensino das artes e para a educação como um todo:

Numa escola moderna, numa época de profundas mudanças socioculturais como a nossa, o professor apresenta aos alunos sempre novos problemas; pois, as perguntas têm mais importância do que as respostas. Numa escola moderna, as soluções não são mecanicamente fornecidas ao aluno, mas sim resultam de um trabalho comum de todos, que dele participam. É que nesse ambiente desaparece o dualismo tradicional professor-aluno (KOELLREUTTER, 2015, p. 42).

A escolha pelo conceito de paisagem sonora do compositor e educador musical Murray Schafer foi devido às contribuições relevantes para o ensino criativo de música, como também à necessidade de repensar os ruídos em um mundo cada vez mais tomado pela poluição sonora. Para ele, é preciso “aperfeiçoar os modos de apreensão do som pelo homem, valorizar sua importância e fazer um profundo trabalho de conscientização a respeito do seu impacto no ambiente, por indivíduos e comunidades, tornando-os cúmplices no processo de construir campos sonoros adequados” (FONTERRADA, 2012, p. 278). E esta consciência pode ser desenvolvida a partir da experiência musical, que tem como ênfase o refinamento da escuta e da percepção musical.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Contextualização

A atividade de intervenção se deu na ocasião da aplicação de uma prova bimestral de Arte para a turma de 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Luzia Ferreira, em Santa Cruz de Minas (MG). Durante a prova, cujo tema era arte egípcia, pude observar os estudantes em suas interações e os pedidos de silêncio por parte do professor para que os colegas que ainda não haviam terminado pudessem fazê-lo. Nesta ocasião havia sons fortes vindos do corredor e do pátio que atravessavam a sala e me ocorreu que estávamos, efetivamente, diante de uma situação musical do cotidiano que aborda elementos contrastantes: som e silêncio.

Quando todos terminaram a avaliação, restavam ainda alguns minutos para terminar a aula e então eu pedi espaço ao preceptor para que eu pudesse ter um diálogo com a turma. Assim, perguntei aos estudantes se durante a prova havia silêncio. Alguns responderam que sim. Então, indaguei se o silêncio realmente existia – uma provocação – e, se sim, como poderíamos defini-lo? Após a reflexão, chegamos a uma definição: “silêncio é a ausência de barulhos”. Insisti novamente na primeira pergunta, ou seja, “durante a prova havia silêncio nos termos da nossa definição?”.

Ao final, elaboramos uma lista de sons percebidos: o som do ventilador ligado, do lápis riscando o papel, de um ou outro colega tomando água, sussurros para o empréstimo de apontadores e borrachas, passos e gritos no corredor, a voz do professor passando orientações, o barulho das folhas da prova sendo tocadas e o som de alguns pássaros que estavam perto da janela. O próximo passo foi separarmos esses sons em categorias, ou seja, quais sons eram provocados por nós seres humanos, quais sons vinham de máquinas ou eram produzidos pela natureza. Naquele contexto, a interferência humana predominou, a maioria dos sons foi gerada pelos estudantes e pelo professor.

Por fim, quase no último minuto, perguntei-lhes quais sons os agradavam e quais os incomodavam e obtive algumas respostas interessantes. Um aluno chegou a comentar que não

gostava do som do sino; outro se incomodava com o som do anel de metal do professor batendo na mesa; o professor disse que se incomodava com os gritos; já uma aluna falou que seu som favorito era o de uma caixinha de música; e outra, que adorava o som da batida do *funk*.

2.2. Discussão e resultados

Em seu livro “O ouvinte pensante”, Schafer (1991) relata as reflexões propostas aos seus alunos de cursos e oficinas que ministrou em relação aos conceitos que abordei com a turma. Ele propôs aos alunos de primeiro ano do *Curso de Música Experimental* da Universidade Simon Fraser, por exemplo, uma experiência que chamou de *limpeza de ouvidos*, ou seja, que desenvolvessem a percepção para os sons que nunca haviam notado anteriormente no ambiente, inclusive os sons que eles mesmos produziam. Para isso, discutiu e fez provocações a cerca do ruído, do som, do silêncio, dos timbres e da paisagem sonora, bem como promoveu a experimentação de tais conceitos na prática, testando os limites das definições construídas na sala de aula em conjunto com os estudantes.

Para esta experimentação, o autor se valeu de exercícios simples, que podiam ser realizados no cotidiano de uma sala de aula na Educação Básica ou em outros espaços. A proposta dos alunos gravarem uma discussão em sala de aula e depois escutarem prestando atenção aos sons que não desejaram gravar (os ruídos do ambiente) é um exemplo (SCHAFER, 1991, p. 69).

Em outra sequência de aulas, o autor e seus alunos construíram ideias sobre o ambiente sônico e a paisagem sonora, refletindo sobre como diferenciar os sons da “orquestra universal” (os sons do mundo que podem ser ouvidos). Eles chegaram à conclusão de que os sons poderiam ser divididos em categorias - os sons produzidos por seres humanos, pela natureza ou por engenhocas elétricas e mecânicas -, como também serem analisados e relacionados ao contexto atual e a épocas passadas.

A atividade de se pensar a paisagem sonora da sala de aula durante a prova teve como objetivo mobilizar a escuta dos estudantes por meio de sons do cotidiano, além de abordar elementos musicais como o ruído, o som, o silêncio e o timbre. O principal procedimento utilizado pelos estudantes neste caso foi a apreciação, que pode ser definida como “[...] uma resposta estética, afetiva e cognitiva à exposição ao som” (SAMPAIO, 2001 *apud* BOTELHO, 2002, p. 73).

A apreciação tem um significado amplo, pois congrega atividades que envolvem o ouvir – ensaiar, praticar, improvisar, afinar, nos permitindo relacionar com o fenômeno sonoro e com a música e nos transformando pela experiência estética (Botelho, 2002). Sua relevância também é constatada pelo fato de que grande parte da herança musical da humanidade só será vivenciada por meio dela (FRANÇA, 1995 *apud* BOTELHO, 2002).

A apreciação musical, modalidade utilizada na atividade de musicalização, relaciona-se, por sua vez, a um dos eixos previstos para o ensino de Arte nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – a Apreciação significativa -, bem como às dimensões do conhecimento artístico propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que o ato de ouvir contempla expressão, fruição, criação, reflexão, estesia, crítica.

Na atividade proposta, duas dimensões em específico se destacaram: a crítica e a estesia. A primeira aborda as percepções que movem os indivíduos em direção a compreensões diferentes do espaço em que vivem, fundamentadas em conexões, via estudo e pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vivenciadas e conhecidas. Já a segunda, diz respeito à experiência sensorial dos sujeitos em relação ao ambiente, ao próprio corpo e aos diversos materiais (Brasil, 2017, p. 194).

No que concerne à Unidade Temática Música (6º ao 9º ano), a atividade abordou dois objetos do conhecimento, Elementos da Linguagem e Materialidades, cada uma com suas habilidades:

(EF69AR20) Explorar e analisar elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de recursos tecnológicos (*games* e plataformas digitais), jogos, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musicais.

(EF69AR21) Explorar e analisar fontes e materiais sonoros em práticas de composição/criação, execução e apreciação musical, reconhecendo timbres e características de instrumentos musicais diversos (BRASIL, 2017, p. 209).

Em relação ao ensino de Música na Educação Básica, as dimensões do conhecimento citadas anteriormente vão ao encontro de referenciais que abordam a amplitude e complexidade da experiência musical a partir das suas modalidades como a composição, a apreciação, a performance, que são apoiadas pelas habilidades técnico-musicais desenvolvidas e pela literatura sobre música (SWANWICK, 1979; 2003). Elas também se relacionam aos significados resultantes da experiência musical propostos por Green (2012). Compreender a música a partir dos seus elementos (significado inerente) e ressignificar o fazer musical a partir da subjetividade e do contexto sócio-histórico do indivíduo (significado delineado) pode ser uma experiência transformadora para os sujeitos envolvidos nesta relação dialógica proporcionada pelos programas de iniciação à docência.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da música na escola pode ser fortalecida pela utilização de propostas como a do Schafer, que lançam mão da *orquestra do mundo* para provocar a percepção dos alunos, levando-os a refletir sobre questões da contemporaneidade. O ensino criativo de música, a escuta atenta, os novos conceitos acerca da música e seus usos, a sua relação com as outras áreas do conhecimento

podem ser abordadas com a paisagem sonora da própria escola. Tal proposta pode ser vivenciada por diferentes faixas-etárias, já que os problemas propostos possuem inúmeras soluções possíveis, que dependem da criatividade na exploração dos materiais sonoros.

Poder realizar esta intervenção no contexto da Educação Básica foi uma experiência enriquecedora, pois pude utilizar uma estratégia didático-musical em sala de aula que partiu de acontecimentos cotidianos para construir o conhecimento com os alunos. Também pude compreender um pouco da dinâmica de funcionamento da escola, em que o tempo disponível para a aula de Arte é muito escasso, o que não impede obter respostas criativas e o engajamento dos alunos nas atividades.

Por fim, pude constatar a real necessidade de nós, futuros músicos-educadores, estarmos na escola, demonstrando a relevância da Música como uma área de conhecimento, como uma possibilidade de profissão e também como uma perspectiva pela qual é possível olhar para os problemas da nossa sociedade e propor soluções.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BOTELHO, L. P. **As implicações psicológicas e musicais da iniciação à leitura ao piano**. 2002. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

FONTEERRADA, M. T. O. “Escutativa”: o entrelaçamento entre música, paisagem sonora e qualidade de vida. **Pista: Periódico Interdisciplinar**. Sociedade Tecnologia Ambiente, v. 4, n. 1, p. 6-22, 2022.

FONTEERRADA, M. T. O. Raymond Murray Schafer: o educador musical em um mundo em mudança. In: MATERIO, T.; ILARI, B. (Orgs.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012, p. 277-303.

GREEN, L. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 28, p. 61-80, 2012.

KOELLREUTTER, H. J. O Espírito Criador e o Ensino Pré- figurativo. In: PARIZZI, B.; SANTIAGO, P. F. (Org.). **Processos Criativos em Educação Musical: tributo a Hans-Joachim Koellreutter**. Coletânea Seminários de Educação Musical – Escola de Música da UFMG. Belo Horizonte: UFMG/CMI, 2015. p. 07-178.

SCHAFFER, M. **O Ouvido Pensante**. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1991. 392p.

SILVA, H. A. **A paisagem sonora de Murray Schafer no contexto educacional**: uma revisão sistemática. 2022. Monografia (Trabalho de Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SWANWICK, K. **A basis for music education**. London: Routledge, 1979, 124p.